

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
MIRON DE OLIVEIRA MESSIAS**

**A EDUCAÇÃO EM EDITH STEIN COMO DESABROCHAR DAS
POTENCIALIDADES HUMANAS**

Juiz de Fora
2020

MIRON DE OLIVEIRA MESSIAS

**A EDUCAÇÃO EM EDITH STEIN COMO DESABROCHAR DAS
POTENCIALIDADES HUMANAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário Academia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira.

Juiz de Fora

2020

MESSIAS, Miron de Oliveira. **A educação em Edith Stein como desabrochar das potencialidades humanas.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)
Orientador

Prof^a. Ms. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles (UniAcademia)

Prof^a. Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 11/12/2020.

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me incentivaram aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus Pai, fonte da vida. A materna intercessão da Virgem Maria e a Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), pelo auxílio e proteção.

Aos meus pais, por estarem sempre presentes em minhas decisões, por me fortalecerem e por serem meu exemplo. Aos demais familiares e parentes pelo apoio. Agradeço ao Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, no qual tive a oportunidade de ingressar, proporcionando-me refletir sobre a vida e vocação, contribuindo assim para o meu crescimento.

Agradeço ao orientador, Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira, pela confiança, compromisso e dedicação para com este trabalho. Aos demais professores do curso de Filosofia, pela dedicação na formação educacional, na pessoa de sua coordenadora a Prof.^a Ms. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles.

Agradeço a todos os meus amigos pelo incentivo e auxílio, em especial ao Robert César Teixeira e ao Djalma Paiva de Abreu, que foram grandes parceiros nos momentos de aflição, e, acima de tudo, pela amizade. Aos colegas de aula, pelas contribuições nos diálogos, pela força e estímulo.

A educação é a arte suprema cujo material não é nem a madeira nem a pedra, mas a alma humana.

Edith Stein

RESUMO

MESSIAS, Miron de Oliveira. **A educação em Edith Stein como desabrochar das potencialidades humanas**. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2020.

O presente trabalho procura apresentar, através da perspectiva steiniana, como a prática fenomenológica, o tema da formação integral, como um caminho para chegar à singularidade da pessoa humana. Edith Stein apresenta a pessoa como sendo aquela capaz de si relacionar consigo mesma, com os outros indivíduos e com o mundo através de suas vivências. No entanto, traz em si sua individualidade, que o diferencia dos outros indivíduos. Apresenta a filósofa judia, no estudo que desenvolve, a busca de poder conhecer quem é o homem na sua totalidade. Ela possui a ideia de que o homem é, em sua natureza, composto por três dimensões: corpo, psique e espírito. Em um momento oportuno, apresentaremos que o ser é um ser de relações, definido por Stein, que o apresenta perante um outro conceito – o de comunidade –, onde vai desenvolver suas potencialidades com a ação das vivências. Mesmo o ser com sua singularidade, não é impedimento para que ele tenha uma abertura com os outros indivíduos e a comunidade. Essa abertura guia a pessoa a uma empatia, com a perspectiva antropológica, mostrando a possibilidade da relação da pessoa humana e a comunidade. Nossa finalidade é, portanto, apresentar o processo formativo da pessoa por meio de um desabrochar de suas potencialidades e de seus valores pessoais. Dessa forma, com a colaboração de um educador, há a possibilidade de se chegar até seu núcleo interior, favorecendo a liberdade e a consciência de seus atos.

Palavras-chave: Pessoa humana. Formação. Potencialidade. Atos.

ABSTRACT

The present work seeks to present, through the Steinian perspective, as a phenomenological practice, the theme of integral formation, as a way to reach the uniqueness of the human person. Edith Stein presents the person as being able to relate to herself, to other individuals and to the world through her experiences. However, it brings with it its individuality, which differentiates it from other individuals. It presents the Jewish philosopher, in his study, the search to be able to know who the man is in his totality. She has the idea that man is, in his nature, composed of three dimensions: body, psyche and spirit. In an opportune moment, we will present that the being is considered a being of relationships, defined by Stein, who presents it before another concept - that of community, where he will develop his potential with the action of the experiences. Even being with its uniqueness, this is not an impediment for him to have an openness with other individuals and the community. This openness guides the person to empathy, with an anthropological perspective, showing the possibility of the relationship between the human person and the community. Our purpose, therefore, is to present the person's training process through the unfolding of his potential and personal values. Thus, with the collaboration of an educator, there is the possibility of reaching its inner core, favoring freedom and awareness of its actions.

Key-words: Human being. Formation. Potentialities. acts.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONTEXTO BIOGRÁFICO E INTELECTUAL DE EDITH STEIN	12
2.1	UMA JUDIA.....	12
2.2	EDITH NA BRESLÁVIA.....	13
2.3	GOTINGA.....	14
2.4	LAÇOS ENTRE STEIN E HUSSERL.....	15
2.5	A FENOMENOLOGIA.....	17
2.6	O DESENVOLVIMENTO INTERNO E EXTERNO.....	19
3	A CONSTITUIÇÃO ANTROPOLÓGICA	20
3.1	O CORPO.....	20
3.2	A ALMA.....	23
3.2.1	Vida da alma	25
3.2.2	O caráter	27
3.2.3	Singularidade do núcleo	28
3.3	A PESSOA.....	31
4	A FORMAÇÃO HUMANA	33
4.1	A FORMAÇÃO EM GERAL.....	33
4.2	FORMAÇÃO DE SI.....	35
4.3	O EDUCADOR.....	37
4.4	A EMPATIA NO EDUCAR.....	39
4.5	OS VALORES.....	41
4.6	A COMUNIDADE.....	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

A pessoa humana, com o passar das gerações, tende a se desenvolver e a caminhar na busca do progresso. A formação é o meio que aborda todo esse processo a ser percorrido. O tema que vem sendo objeto de estudo desde a antiguidade é a pessoa humana e através desse estudo os filósofos se dedicavam a compreender como é que se dá a ação e o desenvolvimento evolutivo dessa. Uma preocupação por parte daqueles que ministram a formação, pois querem a formação apresentada fazendo diferença na vida das futuras gerações.

Os métodos educativos devem, de fato, serem utilizados para colaborar na formação das pessoas, sejam elas crianças, jovens ou adultos. No entanto, o objetivo deste trabalho é tentar apresentar e esclarecer a noção de educação em Edith Stein. E também poder observar como os formadores podem contribuir para o processo formativo dos indivíduos, colaborando, então, com a realização da pessoa.

Para a filósofa Edith Stein, esse ato de educar, que a pessoa (educando) e formadores desempenham, seria um compromisso possível. A partir disso, vamos investigar de que maneira se constitui a formação da pessoa. É através do estudo que a filósofa faz da antropologia filosófica, que ela vai mencionar, principalmente, o núcleo da pessoa e que ela idealiza como sendo alma da alma e constrói caminhos formativos coesos, com sua concepção.

Este trabalho está voltado para os conceitos teóricos de Edith Stein, através dos quais oferece uma educação de fundamento universal, que dá conta da pluralidade dos indivíduos. Observamos que possui um legado, que foi pela filósofa preparado mediante a rigidez do método fenomenológico, que criou um alicerce teórico acerca do conhecimento da estrutura da pessoa humana e idealiza uma antropologia filosófica que vai servir de orientação para o campo das ciências humanas.

A filósofa faz esse estudo, porque sendo ela educadora, estando à frente de sala de aula, reforça que antes do educador assumir sua tarefa ou responsabilidade pedagógica deve, primeiro, indagar sobre o que se pode saber da pessoa humana. Isso pelo motivo de que Edith Stein era perseverante na ideia de que com base na concepção antropológica é que se dá início a um processo formativo.

Para que o educador exerça a prática pedagógica na área formativa, o formador encontra apoio nas concepções antropológicas, apresentadas pela filósofa, que servem para um contexto educacional atual. O conceito de formação e seu significado, reunidos na obra **Edith Stein vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos** (2018), vem sendo motivo de questionamento para os educadores e formadores, que querem não só de modo específico, atuar na formação profissional do indivíduo.

Segundo a autora, para formar é preciso atingir a alma da alma da pessoa, o seu núcleo central, com o propósito de auxiliá-lo a viver com base na sua interioridade, ressaltando assim a singularidade da própria pessoa. A educação em Edith Stein pode ser compreendida como o desabrochar do desenvolvimento das potencialidades de um indivíduo.

Esse trabalho foi pensado e organizado para apontar, por meio de uma apresentação didática, o processo de formação da pessoa humana. Nele será mostrado o conceito de formação e suas bases teóricas, em que se precisou fazer uma especialização do assunto da antropologia filosófica juntamente com o método fenomenológico, em alguns textos da obra, **Edith Stein textos sobre Husserl e Tomás de Aquino** (2019) que contribuiu para apresentar essa perspectiva fenomenológica, abordado pela filósofa judia.

O papel do sujeito da formação é o do personagem principal, que também em unidade com as comunidades formadoras, encontrado nos textos dos estudiosos de Stein: **Diálogos com Edith Stein**, de Mahfoud e Savian Filho (2017), apresentam os elementos da formação, através do qual conduz para a vivência em comunidade, a fim de praticar atos sociais edificantes. Importa também destacar a parte em que se dirige à formação direta que vai ao encontro da interioridade do indivíduo que pode idealizar o centro da alma.

Sendo assim, passa a traçar seus princípios educativos, tendo a necessidade de guiar a formação para a prova que leva ao bem, com a intenção de expor alguns percursos que tornam mais compreensível o entendimento do processo formativo, com alguns recortes da obra: **A formação da pessoa humana em Edith Stein**, de Sberga (2014), que contribui para a apresentação adequada da concepção antropológica a que Stein faz alusão.

É importante destacar que as obras principais utilizadas nesta pesquisa são de comentadores brasileiros da filósofa Edith Stein, porque poucas de suas obras são

traduzidas para o português. E também, ao longo do trabalho utilizar-se-á exemplos, sempre que estrategicamente interessante, com a finalidade de favorecer a explicação de pontos por demais abstratos do pensamento da filósofa.

2 CONTEXTO BIOGRÁFICO E INTELLECTUAL DE EDITH STEIN

Nosso objetivo, neste capítulo, é apresentar alguns aspectos acerca da biografia de Edith Stein, que influenciaram suas ideias mais pertinentes dentro do âmbito da fenomenologia. Será também feita uma análise do percurso traçado pela filósofa judia, destacando a construção do seu pensamento com o conceito de formação.

2.1 UMA JUDIA

Edith Stein nasceu à luz da estrela de Davi, em 12 de outubro de 1891, na cidade de Breslávia (Alemanha). Data marcada pela festividade de *Yom Kippur*, que é a Celebração Judaica do perdão e da reconciliação. Filha de pais tradicionais e comerciantes, é a caçula de sete irmãos. Quando Edith tinha um ano e alguns meses, seu pai faleceu, e sua mãe teve de assumir a empresa da família.

Em sua infância, marcada pelo interesse pela literatura e por outros idiomas, Edith torna-se o encanto de sua mãe por ter uma inteligência e uma personalidade forte, sendo uma criança às vezes fechada em seus estudos. Edith encontra-se insatisfeita com o estudo oferecido e, aos 14 anos, deixa a escola. Ao passar alguns meses em Hamburgo, com sua irmã Else, resolve concluir seus estudos, o que seria hoje o ensino médio. Em 1911, inicia sua trajetória na Universidade de Breslávia. A vida dela é marcada pela incessante busca da verdade. Essa busca é relatada por Stein e também passa pela via da fé, conforme lemos:

[...] não me levou, contudo, a fé; somente me abriu um novo campo de fenômenos frente aos quais não podiam permanecer invisível. Não tinha de forma alguma que repetir tanto (na escola de Husserl) que era preciso contemplar qualquer coisa sem preconceitos, arrojando fora todas as lentes: assim cairiam todas as barreiras dos preconceitos racionalistas em meio aos quais havia crescido sem sabê-lo, e o mundo da fé se abriria (provisoriamente) diante de mim (STEIN, 1998 apud SANTANA, 2016, p. 30).

A conversão ao catolicismo se dá após o encontro com os escritos de Santa Teresa de Ávila, em 1921, quando também se empenha no estudo do catecismo, a fim de compreender a doutrina da igreja católica, sendo batizada em janeiro de 1922. Perante a lei que proibia as pessoas de origem judia de ocupar cargos públicos, Stein deixa de lecionar e proferir palestras. Com esse acontecimento,

escreve uma carta para o Papa, pedindo que escrevesse e condenasse a perseguição aos judeus na Alemanha.

Essa situação faz com que Stein se volte exclusivamente para sua vida religiosa. Ela sente um chamado à espiritualidade carmelita e ingressa no Carmelo, na cidade de Colônia (Alemanha). Mesmo lá, Stein tem concessão para continuar os estudos. Com o progresso do regime Nazista e o avanço das perseguições aos judeus em 1938, Edith se transfere para o Carmelo na Holanda, para buscar refúgio, visando também à proteção das irmãs do Carmelo de Colônia. No ano de 1942, mesmo com seu registro como católica, é presa na companhia de sua irmã Rosa Stein e conduzida ao campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. Lá é assassinada na câmara de gás com ácido, aos 51 anos.

2.2 EDITH NA BRESLÁVIA

Na Breslávia, Edith Stein estava atenta aos quadros que ficavam ao longo da Universidade de Breslávia, onde se encontravam as datas e os horários dos cursos que pretendia fazer. Preocupada em como iria organizar sua agenda dos estudos que queria fazer, pensava que:

[...] Foi bom alguns cursos que eu pretendia fazer tivessem coincidido no mesmo horário, pois isso me obrigou a fazer uma seleção. Do contrário, eu provavelmente teria chegado a quarenta ou cinquenta horas de curso por semana! Mesmo assim me restavam muitos: Língua Indo-europeia; Alemão antigo e Gramática Moderna do Alemão; História do Teatro Alemão; História da Prússia na época de Frederico, o Grande, e História da Constituição Inglesa; Grego para Iniciantes [...] (STEIN, 2018, p. 225).

O primeiro curso que realizou foi de psicologia, quando ela mais se envolveu, seguindo as aulas do Professor William Stern, psicólogo e filósofo imigrante. Também não ficou satisfeita com o curso de psicologia, o que encarava com uma perspectiva filosófica, pois já tivera um contato com a filosofia nas aulas de filosofia natural, ministradas por Richard Honigswald.

A base que Edith Stein vinha construindo com os estudos de psicologia e pedagogia lhe serviria para desenvolver o trabalho como professora em Espira, e também para seus estudos futuros em antropologia filosófica, mais intensamente em antropologia feminina. Esse período, em que residia em Breslávia, serviu como base para ela idealizar e construir a sua obra.

Nesse mesmo período, Edith Stein viveu a experiência de poder trabalhar um pouco com a psicologia que vinha estudando. Também não satisfeita com o método teórico apresentado e desenvolvido, participa de discussões sobre o assunto. Edith Stein resolve mudar para Gotinga com a finalidade de dar continuidade aos seus estudos, pois tinha ouvido falar de um curso de filosofia que os filósofos de Gotinga iriam ministrar. Ao entrar em contato com a leitura das obras de Husserl, pelas quais ficou entusiasmada, surpresa e motivada, pois considerava o filósofo um grande expoente da época.

2.3 GOTINGA

Edith Stein já tinha trilhado alguns caminhos até chegar aqui, mas se encontra em uma posição que precisava fazer uma nova escolha. Decide então residir em Gotinga, para dar continuidade a seus estudos, expressando sua decisão assim:

Essa querida e velha Gotinga! Creio que só aqueles que estudaram lá entre 1905 e 1914, durante o curto florescer da escola fenomenológica de Gotinga, podem compreender tudo o que esse nome faz vibrar em nós. Tinha vinte e um anos <em 1913> e estava cheia de expectativas diante do que iria acontecer (STEIN, 2018, p. 299).

Aquele que se tornou seu mestre, Edmund Husserl, compõe um dos nomes que desenvolveu a filosofia que passa pelo filósofo Kant e vai até o filósofo Heidegger. Com a fenomenologia de Edmund Husserl, a filosofia germanófona sofreu várias mudanças em seu percurso. Nos últimos dias do século XIX, o subjetivismo e o psicologismo generalizado vinham tendo uma visão de mundo e das pessoas que fosse particular e não de maneira pronta ou que fosse possível verificar. O termo *Weltanschauung* – visão de mundo –, começa a se tornar mais popular nesse período, pois o mundo estava sendo visto de uma perspectiva individual e assim perdendo sua unidade.

Husserl deseja criar um novo caminho, por meio de uma obra elaborada inteiramente por ele mesmo. Inicia pelas indagações, através das quais teve que se utilizar do filósofo Immanuel Kant (1724-1804), para dar um passo significativo e inovador, para falar da veracidade e aplicá-la em sua fenomenologia. Assim, Husserl levanta a seguinte pergunta: Como algo aparece? Inteirando-se do assunto, Edith Stein consegue compreender os objetos como eles se mostram. Já Husserl não

entende uma consciência que seja superficial à realidade; os objetos, para ele, devem ser apresentados pelos significados das palavras no modo mais amplo da essência das coisas.

A essência mais profunda da fenomenologia apresentada por Husserl se encontra na arte de falar com o olhar aquilo que se contempla e, então, fazer-se compreender o contemplado. Na primeira etapa da fase mais avançada de seu pensamento, Stein foi um simples receptáculo das ideias do seu mestre. Sua tese, defendida em 1916, teve como tema a Empatia, em que conteve pontos que havia aprendido de Husserl, abordando também o tema da intersubjetividade. Edith Stein agora toma uma posição perante o idealismo excessivo de Husserl, tendendo a trilhar seu próprio caminho como pensadora amadurecida.

Husserl (1913) surpreende seus discípulos com seus escritos, mudando a forma de mostrar as leis lógicas da natureza. Segundo Edith Stein, seu mestre incorre num subjetivismo, do qual ela pretende se afastar. Além dessa diferença, Stein, com apresentação de um texto abordando o assunto da fenomenologia e a visão de mundo que ela proporciona, ainda do filósofo em questão, quer também obter um afastamento do subjetivismo. Quando ainda era assistente de Husserl, Edith Stein não tinha um olhar crítico, sobre o fato de seu mestre não estar de acordo com as mulheres lecionarem nas universidades.

Já Stein não pensava em outra coisa senão trabalhar com a filosofia na Universidade. Dedicou grande parte de seu tempo para transcrever os manuscritos de Husserl (1914) para a sua publicação que resultaria no volume de dois livros, dedicando à fenomenologia da consciência interna no tempo. Nesse mesmo período, Edith escreve alguns textos, escritos esses buscando um cargo de docente o qual não lhe foi concedido.

Portanto, há um afastamento gradual entre a discípula Stein e o mestre Husserl, gravado pelo interesse dela em ter uma experiência religiosa, para obter respostas para alguns de seus anseios ligados ao sentido da verdade. Tal experiência tem seu marco concreto em 1922, por ocasião da conversão de Edith ao cristianismo. Seu mestre, apesar de respeitar plenamente o desejo dela, visto que ele mesmo já tinha passado por esse processo de conversão do Judaísmo à fé cristã, possuía muitas dificuldades de pensar em fazer uma ponte entre a filosofia e o cristianismo.

2.4 LAÇOS ENTRE STEIN E HUSSERL

Desde seu doutorado, Edith Stein, que possui uma boa caminhada com seu mestre, percebe que já pode ter um pensamento independente. Quando está escrevendo sobre o assunto, no qual pergunta o que é realmente a filosofia, indica que esta tem como objetivo compreender o mundo. Apresenta o ser a partir de uma dualidade: o ser da natureza e o ser da consciência, o ser que pode ser conhecido e o ser do conhecimento. Como discípula fiel de seu mestre, segue seu pensamento numa linha que é mais ousada que a crítica da razão pura de Kant: toda percepção é algo que deve ser percebido, mas também fenomenologicamente descrito.

Edith Stein acredita que seu mestre não compreendeu muito bem a questão de que o que é percebido pode se separar da consciência da qual ele pertence, tornando-se, então, independente. É de uma importância grandiosa para Edith Stein garantir a correlação entre o ser e a consciência. Ela apresenta sua tentativa de explicar tal relação aos seus pensamentos, tratando de modo superficial a interdependência entre o ser e a consciência. Esse assunto continua sendo abordado no que a filósofa trata do conhecimento da liberdade e da consciência da pessoa concreta.

Edith Stein quer apontar para um outro olhar sobre o conceito de consciência, diferente daquele que seu mestre Husserl apresentou. Stein apresenta a ideia de conhecimento como sendo uma ideia de verdade e se essa verdade não estiver ligada com o ser ela não possui significado. O ser é um ser que possui consciência. O mundo é mundo, sempre percebido por Stein que acredita que:

[...] “se cancelarmos a consciência, também cancelaremos o mundo”; mas, por outro lado, diz ela que, embora essa afirmação seja convincente, é preciso reconhecer pelo menos que “a experiência, em seu sentido próprio, indica algo independente dela”. Em outras palavras, a experiência perde seu caráter fundamental de estar sempre direcionada para algo, quer dizer, seu caráter de intencionalidade. A consciência não é demiúrgica. Além disso, o fato inquestionável da intersubjetividade e da experiência intercambiável testemunha um ser independente: do contrário, como seria o mesmo mundo aos olhos de todos? Há, portanto, um limite real da consciência: o mundo “absoluto”, tocado independentemente pela consciência mesmo (STEIN, 2019, p. 18).

Outro caminho que Edith Stein deseja percorrer, que no momento não foi apresentado, é o mundo como objeto. Esse tema será trabalhado por ela nas suas obras, nas quais apresenta o ser. A autora compreende que possui um mundo exterior limitado diferente da consciência, mas se dá conta de que também há um mundo interior igualmente, é limitado na experiência, mundo esse que precede a consciência.

Sendo assim, a experiência só poderá ser compreendida a posteriori pela consciência. O que não pode estar ausente é o ato de ter a experiência das coisas.

Para falar dos sentidos físicos, Edith Stein aponta o ser como tocado por aquilo que é o real, de maneira bem simples e de forma passiva. No entanto, Stein não quer falar de um apanhado de sensações que sejam passivas, mas sim encontrar, a partir delas, uma apreensão que seja objetiva. Stein irá apresentar com mais propriedade o fundamento das vivências e mostrar um encontro que seja pessoal com a própria pessoa e não um encontro irracional.

Já na sua obra *Introdução à filosofia*, o ser é apresentado como imutável. Toda experiência, seja interior ou exterior, é voltada para ela mesma, sendo que ela deve dar abertura para novas experiências. O método que ela vai apresentar é o de poder ver e experimentar o fenômeno, e observar a experiência que esse contato pode oferecer.

2.5 A FENOMENOLOGIA

Para que Stein pudesse expor as bases antropológicas para a pedagogia, ela usa o método fenomenológico. Método esse elaborado segundo os escritos de Edmund Husserl, é o que vai facilitar uma análise avaliativa da pessoa humana. Sendo assim, a autora abordará sobre o método, destacando que:

[...] o princípio mais elementar do método fenomenológico: considerar as coisas por elas mesmas. Não levar em conta as teorias sobre as coisas, excluir, onde é possível, tudo o que se aproxima, se lê ou que se construiu sozinho, aproximar-se delas com um olhar privado de preconceitos e captá-las com uma visão imediata. Se queremos saber como o ser humano é, devemos nos colocar no modo mais vivo possível, na situação na qual fazemos experiência do seu ser aqui, quer dizer, daquilo que experimentamos no encontro com os outros. Isso parece soar como empirismo, mas não o é se com o termo “empíria” se entender só a percepção e a experiência de coisas particulares. O mesmo princípio de coisas particulares. O segundo princípio recita: endereçar o olhar ao essencial. A intuição não é só a percepção sensível de uma certa singularidade como essa é aqui e agora; há uma intuição daquilo que essa é segundo a sua essência e isso pode, por sua vez, significar o que essa é segundo o seu próprio ser, é o que essa é segundo a sua essência universal (STEIN, 1932 apud SBERGA, 2014, p. 146).

O que pode considerar interesse da pedagogia é poder chegar até o educando, através das coisas mesmas, visando a uma formação que seja mais apropriada para a singularidade do ser humano.

Um novo artigo com o tema O que é a fenomenologia, foi publicado por Edith Stein no ano de 1924. Nessa ocasião, ela propõe apresentar o novo caminho de filosofia traçado por seu mestre. Stein demonstra total interesse pela nova filosofia na qual ela é capaz de construir sua própria filosofia, juntando a fenomenologia e a ontologia em uma nova pesquisa. Essa pesquisa é composta por duas partes. Na primeira parte ela apresenta, de forma histórica, o desenvolvimento da fenomenologia. Stein apresenta uma filosofia de inspiração católica, que teve aproximação geral com a escolástica, passando por Santo Tomás de Aquino (1225–1274) e chegando à filosofia moderna com Immanuel Kant.

Essa mediação proposta resulta no encontro da fenomenologia aos moldes de Husserl e com a filosofia de Tomás de Aquino. A mediação entre a filosofia moderna, da parte de seu mestre e a filosofia cristã medieval de Tomás de Aquino, é uma proposta traçada por Stein e não pelo seu mestre Husserl. Assim, Stein vê a fenomenologia do seu mestre “[...] associando-a mesmo a uma *philosophia perennis* fortalecida na era medieval e renascida da fenomenologia como superação dos reducionismos da filosofia moderna por meio de uma nova ontologia” (STEIN, 2019, p. 34).

Nessa tentativa de aproximação entre filosofias diversas, Edith faz uso de métodos para que isso aconteça, conseguindo mostrar com pontos de unidade a objetividade do conhecimento. Assim nos relata Stein, que seu mestre Husserl não apoia o relativismo da filosofia moderna, mas defende uma ideia de verdade que corresponde a um conhecimento que se fizesse objetivo. Stein junta a questão da verdade apresentada por Tomás de Aquino com a fenomenologia husserliana, acreditando ter superado os limites relativistas da filosofia moderna.

Interessante perceber que Stein destaca uma intuição para a fenomenologia e esse conhecimento é imediato; busca corresponder uma visão espiritual, superando o transcendentalismo apresentado por Immanuel Kant e encontrando apoio em Santo Tomás de Aquino.

Edith Stein, com o seu projeto filosófico, queria articular, do seu ponto de vista, a fenomenologia de Husserl e a Filosofia do ser de Santo Tomás de Aquino, por meio de um método fenomenológico que não tivesse preconceitos, mas sim abertura para uma ciência do ser. O que Edith Stein passa a entender como idealismo é que:

[...] significa uma concepção que supõe uma dependência do mundo em relação a uma consciência que o conhece.) Já até foi encontrada nas Ideias a infeliz expressão: “Nos últimos anos, essa convicção idealista fundamental alcançou um significado cada vez mais central para Husserl (STEIN, 2019, p. 43).

Compreendendo o idealismo apresentado na fenomenologia, não seria nada além de uma convicção metafísica pessoal. Considerava um clássico a obra redigida pelo seu mestre, pois abria perspectiva para um novo nascer da filosofia.

2.6 O DESENVOLVIMENTO INTERNO E EXTERNO

No entanto, o que é compreendido e chamado de material humano, possui a qualidade para poder desenvolver o que já possui, em si, uma fonte da formação, para que cada vez mais essa forma da pessoa possa se tornar mais plena. Na pessoa humana podemos observar que ela já possui condições físicas, psíquicas e espirituais e essas não podem ser desprezadas no caminho da formação, pois já são consideradas potencialidades e devem, aos poucos, ser remodeladas.

O caminho formativo oferecido ao ser humano é semelhante ao desabrochar de uma planta, pois o que vai ser trabalhado e formado já está contido na pessoa. Com a ajuda das forças externas, auxiliando o ser humano com situações ou conteúdos que no cotidiano contribuem para o que é realmente para sua formação “o corpo retira esse material [de que necessita] do mundo físico, a alma do ambiente espiritual, do mundo das pessoas e dos bens de que devem alimentar-se” (STEIN, 1959 apud SBERGA, 2014, p.153).

Semelhante ao princípio formativo de uma planta, a pessoa humana, é dotada de uma forma interna, trazendo consigo as tendências para se desenvolver de maneira constante e mais completa. A importância do cuidado da formação, poder promover o desenvolvimento do corpo e também das suas aptidões pessoais.

3 A CONSTITUIÇÃO ANTROPOLÓGICA

O método escolhido e utilizado por Edith Stein faz com que percorra um caminho na direção da estrutura da natureza da pessoa. Observando e conhecendo essa estrutura, a filósofa judia vai compreender de forma completa a estrutura do ser humano, chegando assim na alma da alma, na sua essência. Alcançando essa estrutura de uma forma íntegra, podem-se trabalhar as potencialidades presentes na estrutura do ser, formando e moldando a pessoa por meio das vivências.

3.1 O CORPO

A partir da criação e formação da natureza do ser, pode-se entender que o ponto principal de investigação da filósofa, como já foi visto, é o ser humano. Edith Stein procura conhecer e apresentar como é que se dá essa estrutura da pessoa e de que forma esta pode se desenvolver a partir de sua própria natureza. Aqui vale ressaltar que a filósofa tem como bases principais a ontologia aristotélico-tomista e a fenomenologia inspirada em Edmund Husserl.

Conforme afirmado por Garcia (1988), o que se faz presença constante que nos permite traçar um caminho de investigação é a própria natureza humana. Nesse caminho, a filósofa propõe a análise do objeto com um dialogar com a natureza do ser, numa espécie de encontro com sua essência, abraça a veracidade da pessoa humana.

Sendo a pessoa o tema central da pesquisa de Stein, esta cria um conceito de antropologia filosófica, abordando a estrutura da pessoa humana de forma que entende ser completa, e que possibilita uma relação entre a educação e a estrutura do ser humano. Nesse aspecto, pode-se observar que o ser da pessoa tem potencialidades; a pessoa é o que é como um ser atual, mas isso não significa que está pronta, acabada. Antes, seu ser está em constante movimento e construção. Se o ser humano possui em si potencialidades, ele pode se atualizar no sentido de buscar o aperfeiçoamento ou configurações de ser mais adequadas aos contextos que se lhe apresentam.

As potencialidades encontradas na pessoa a ser educada devem ser assumidas como um caminho de desenvolvimento pessoal a ser traçado,

identificando-se mudanças realizáveis no próprio ser humano e nas coisas que podem ser encontradas ao seu redor (adequação ambiental). Fazendo-se uso de uma antropologia adequada para se conhecer a pessoa humana, pode-se ter uma pedagogia que irá conduzi-la a um autoconhecimento. Para que esse ato seja possível, são pressupostos alguns passos.

Edith Stein prepara uma pedagogia que seja mais adequada à antropologia por ela apresentada. Decide caminhar na direção então inovadora da ciência do espírito, que possibilitaria ir ao centro da pessoa humana, a individualidade. Assim, com o auxílio da pedagogia, poder-se-ia ensinar cada ser na sua individualidade. Caberia ao conhecer as individualidades, saber também se cada uma já possui alguma experiência ou não. A partir desse passo inicial, seria possível desenvolver o modo de ensino. Por isso, a importância de conhecer as experiências já vividas para abarcar o ensino na totalidade da pessoa humana, que o ser da pessoa possa compreender seu papel na vida e encontrar seu lugar no mundo, possibilitando para que a prática da formação aconteça. O método que Edith Stein usará para poder chegar até a estrutura da pessoa é o método fenomenológico, que é composto por alguns passos. O primeiro é a redução eidética, reduzir o objeto nele mesmo.

Edith Stein indica que para conhecermos alguma coisa é necessário compreender o fenômeno que se revela a partir de si mesmo, descartando todo e qualquer pré-juízo, que é prejudicial para poder conhecer realmente o que é o objeto e deixa-lo se revelar. O segundo e último passo desse método é a redução transcendental que corresponde à redução a pessoa que se vai conhecer. Para que o objeto se revela para a pessoa que vai observar, e desempenhar uma reflexão mediante o objeto percebido.

A fenomenologia é um novo modo de perceber o mundo; assim podemos compreender que esse método é composto por dois passos. A redução fenomenológica, em que o objeto (fenômeno) é separado de tudo o que não lhe é devido, para que possa revelar-se. O olhar que capta o objeto, faz com que ele se manifeste na sua realidade. Porque esta já traz consigo atos de percepção e de vivência que a permitem vivenciar o fenômeno que se lhe apresenta, como o conteúdo de ensino-aprendizagem, por exemplo. Assim podemos dizer que:

O sujeito das vivências é o “eu” puro. Dele parte o fluxo das vivências intencionais. Ele é o indivíduo absoluto que forma a unidade das vivências

em seu fluxo. É o eu que faz com que a alma se possua a si mesma. O núcleo mais profundo do eu é o lugar de sua liberdade no qual a pessoa pode recolher-se e decidir sobre o seu interior (MAHFOUD; SAVIAN FILHO, 2017, p. 371).

Através das vivências o ser humano pode compreender que a estrutura corpórea pode se mover, tocar e sentir. A pessoa pratica o ato de pegar uma xícara, porque ela possui dedos, possui mãos, que estão ligados aos braços e se estende por todo o ser da pessoa que possui um corpo. Podemos ver que chegamos à primeira estrutura, num esquema de várias estruturas unidas na pessoa, o corpo ou matéria, que, por completo, trata-se de uma coisa física, o que não significa um simples montante de massa, pois o mesmo é animado. Podemos também afirmar que o corpo não é somente exterior, como uma casca. É dotado dos sentidos físicos que permitem ao indivíduo captar informações de fora, e essa percepção sensorial não se limita a si mesma, mas possibilita uma nova percepção, interna e de caráter acolhedor e interpretativo do real.

Assim como as plantas e os animais, o corpo da pessoa é um organismo vivo. A vida que desabrocha forma o corpo e aperfeiçoa-o, como as experiências vivenciadas. Como um condutor, o corpo é utilizado para efetuar as atividades psíquicas que são lançadas para fora do corpo e demonstra algo além de si. As sensações manifestadas pelo corpo são facilmente percebidas e são vitais como a visão, o tato, o olfato, dentre outros. Portanto, a matéria, na qual se manifestam as sensações, precisa de uma forma. Nem a matéria pode existir sem a forma e nem a forma pode existir sem a matéria. A forma que molda a matéria (o corpo) e dá a vida está tão presente que uma não vive sem a outra.

Essa forma que habita a matéria não está totalmente concluída, plenificada. Ela corresponde ao fim de uma potência que precisa ir sendo desenvolvida e lapidada. A formação é a inovação cada vez mais integral da forma, que ocorre na atuação de dentro para fora, da possibilidade de ser algo a esse algo atualizado. Podemos utilizar o exemplo de uma semente de abóbora; quando plantada e cuidada, ela vai se desenvolvendo e tomando novas formas, consecutivamente. Por esse ato de formação, ela naturalmente não vai se tornar uma roseira, porque não está na sua ontologia, ou seja, na estrutura do seu ser. Sua finalidade é se tornar uma abóbora.

A forma que adentra na matéria (o corpo), vai se desenvolvendo para que a matéria se torne cada vez mais completa. O que precisa e pode ser formado é

encontrado, já, na estrutura corpórea. Pois nascemos de um tamanho e vamos nos desenvolvendo de acordo com o processo de formação física. O corpo se forma com os nutrientes que recebe, e esses nutrientes que vêm do mundo físico colaboram para o fortalecimento desse corpo. O processo que acontece com a pessoa é semelhante a uma planta, pois, para ela se desenvolver, precisa da ação de alguns nutrientes como a água, a energia solar, entre outros. Para que o corpo possa desenvolver seus membros, onde está contida sua força em potência, vai contar com a ajuda dos nutrientes necessários para que se desenvolva.

Para além da constituição meramente material, Edith Stein nos apresenta o corpo da seguinte maneira:

O ser humano, porém, pode dispor livremente do seu corpo num sentido diferente do animal. [...] A atividade animal, porém, é reativa sem escolha entre relações possíveis ou entre reagir e não-reagir. O ser humano, certamente, não está abandonado às reações do seu corpo animado sem inibições, mas (embora não ilimitadamente) pode comandá-lo. Ele pode conter involuntariamente reações incipientes, empregar o corpo para o discernimento disso ou daquilo, portanto, formar a si mesmo (STEIN, 1931 apud SBERGA, 2014, p. 77).

Diferente, portanto, do corpo dos outros animais, que não possui domínio sobre seus impulsos e desejos como o corpo humanamente animado, como nos relata Stein. Este possui impulsos e vontades que, com a educação, o indivíduo (a pessoa) é capaz de reconhecer e optar por desempenhar ou não algum ato específico.

A essência é o que nomeia o que determina a coisa em sua identidade ou configuração ontológica. O que podemos apontar como essência do ser humano seria a racionalidade, que caracteriza um ser capaz de pensar, mas de forma que a essência não se separa da existência e uma está para a outra. A essência está contida na matéria, assim podemos conhecê-la. Considerando somente a dimensão corpórea, o ser da pessoa humana não tem a direção que necessita para poder se formar e educar de maneira completa.

3.2 A ALMA

Segundo Edith Stein, a estrutura que forma a pessoa humana é composta pela dimensão corpórea, que já vimos, pela psique e pelo espírito. O ser da pessoa constitui-se, portanto, como unidade dessas três estruturas. A matéria tende a responder ou corresponder com a formação psíquica, podendo ser domesticado, e ao

sofrer essa ação de domesticação, passa, portanto, pelo domínio, influenciando na estrutura psíquica. Esse ato formativo acontece internamente.

E como é que se dá a construção da vida psíquica? Para Sberga (2014), a constituição dessa vida se passa por meio de atos que podem ser passageiros, e esses atos são direcionados por meio das intenções que são manifestadas.

Isso é apresentado por Husserl como sendo o sentido noético, que corresponde ao aspecto subjetivo da vivência, composto pelos atos que visam observar e alcançar o objeto, através das lembranças, reações, imaginação, entre outros. Cada ato que o ser desempenha é intencional a um objeto específico, pelo qual ele se dirige com um sentido, ou seja, com alguma intenção de apreender algo da coisa percebida. O objeto cujos fenômenos foram captados pelos sentidos e chegam ao intelecto se torna o conteúdo noemático, que seria o aspecto objetivo da vivência, que é o objeto assinalado pela reflexão nas suas muitas formas de ser e que é dado através da recordação, da percepção, dentre outros.

A filósofa assegura que “o conteúdo noemático do ato busca captar o que é a coisa mesma; isso que busca captar é a espécie em sentido objetivo, a forma substancial da coisa” (STEIN, 1931 apud SBERGA 2014, p. 80). Para melhor entendimento, podemos ilustrar com o seguinte exemplo: vemos e observamos um quadro; o objeto de percepção do quadro é o próprio quadro, mas o *noema* dessa percepção é o absurdo dos predicados que possam ser expressos a partir dele e do modo revelado pela experiência, ou seja, se o quadro é pequeno, quebrado, feio, belo. A experiência que foi percebida e captada do quadro, é o que se pode dizer sobre ele, também o que será lembrado para ser relatado.

Stein busca captar com o processo noemático, que é a reflexão que o objeto proporciona à pessoa. O sentido que o objeto é capaz de produzir. A intenção de conhecer o objeto vem do espírito, provocando no indivíduo uma motivação interna, captando o objeto que se encontra a sua frente e tentando entendê-lo.

O objetivo da pessoa é de alcançar o objeto e conhecê-lo por inteiro ou por parte. A intenção da pessoa vai além, permitindo ter um entendimento mais amplo do objeto, vendo como ele se apresenta sendo coisa material. Edith Stein observa e descreve isso como o que segue:

A análise reflexiva separa a coisa do aspecto ou da aparição, isto é, esclarecer que a coisa é algo diferente da aparição na qual se mostra a mim e que essa aparição é condicionada não só através da coisa mesma, mas também através das suas relações com outra coisa (por exemplo, através das relações de iluminação) e as relações em comparação a mim, em comparação daquele que percebe (a sua distância de mim, a minha agudez e assim por diante). A análise que provém pode questionar essa distinção no conteúdo da percepção, mas não pode determinar para o normal cumprimento da percepção alguma separação entre a coisa e a aparição, como se fosse a aparição de uma "imagem" que não me representasse a coisa mesma presente. É a coisa mesma que aparece de um jeito ou de outro, segundo a apreensão que vive na percepção irreflexiva e que por meio da reflexão vem esclarecida (STEIN, 1931 apud SBERGA, 2014, p. 80).

O que os sentidos compreendem do objeto, é o primeiro passo para poder conhecer o objeto. Esse sentido é, portanto, do objeto, porque já está contido nele, e também da pessoa, conforme o jeito que ela pode entender o objeto que está se revelando. Podemos observar que há uma semelhança entre o objeto e a pessoa, ambos podem ser observados, por produzirem sentidos. O objeto não limita a si mesmo, ele é capaz de proporcionar reflexões. E a pessoa vai além do objeto, ela com os sentidos gera reflexões de si mesma e dos objetos captados. A pessoa que vivencia os sentidos observa que é uma ação livre e espiritual, mas também está ligada aos órgãos do seu corpo. Entendendo as sensações do seu corpo e do mundo exterior.

Essas formas sensíveis são vivenciadas de uma maneira consciente, com os objetos e o mundo. Aqui, ocorre uma mudança de ser; por exemplo, se alguma coisa quente toca o corpo, ele irá sentir somente o calor, mas, com a mudança do ser e as sensações, pode-se sentir o objeto quente que encosta no corpo, fazendo com que haja uma mudança de uma intenção para a outra, a pessoa passa a caminhar para uma vida de sensações. O chamado movimento espiritual se dá quando ocorre relação das sensações e dos impulsos.

3.2.1 Vida da alma

A pessoa precisa ir se formando aos poucos, ela não pode dar saltos nem eliminando etapas. A sua essência que é o seu eu, que passa a ser adquirido e não criado por ela mesma, necessita ser construído progressivamente. E para que o eu se atualize em parte, pouco a pouco, ele conta com a sua liberdade, mas essa atualização não depende somente dele.

Toda pessoa possui uma potência dentro de si, esse indivíduo é potência para algo. A pessoa que já desempenha seus atos reconhece em si essa potência, ela exerce ações para que a potência seja cada vez lapidada, e gradativamente ela vai se aperfeiçoando. Já possui um conteúdo, o ato presente que se atualiza num novo ato, distinto, portanto, do anterior, porém com a mesma identidade. Essa transformação se dá em diversas dimensões da pessoa; pode ser esse um ato cognitivo quando está ligado ao conhecimento adquirido a respeito de um objeto, por exemplo.

A pessoa é capaz de conhecer diversos conteúdos, mas, através da liberdade, ela possui a capacidade de escolher um ou outro conteúdo. Essa propriedade humana se condiciona como escolha das potências que podem ser atualizadas no momento. A pessoa, ao decidir desempenhar um ato, estará construindo, com suas ações, o seu próprio ser, através das suas experiências. Entretanto, a escolha da liberdade não é absoluta, mas possui limites. Conforme apresenta Sberga (2014), para Stein, os atos psíquicos qualificam a vida do ser humano quanto dos animais. É dentro do limite da espécie da pessoa humana ou do animal, que os atos podem ser manifestados.

É a forma ou o conjunto de características e elementos que correspondem ao ser do humano que molda o núcleo da pessoa, mostrando o que o ser é em si mesmo, na sua autenticidade e individualidade. Essa forma substancial direciona como as atualizações podem acontecer na vida do ser humano, diferentemente da vida dos animais ou de qualquer outro ser. Mas só podemos atualizar aquilo que pode ser encontrado de conteúdo presente na pessoa, ou seja, só podemos trabalhar aquilo que se faz presente no interior do ser.

De acordo com Sberga (2014), Stein encontra-se preocupada em entender de onde vem o potencial que conduz a pessoa à atualidade. Ela mesma responde afirmando que é a própria vida interior da pessoa, qualificada por sua natureza e pela substância que a compõem, marca a sua atualidade ou ser correto. Tomemos um exemplo para nos ajudar a entender: um rapaz que já possui uma disposição original ou habilidade para se tornar um agricultor, com a prática e as aulas de agricultura, aliadas ao esforço, suas potências serão atualizadas e o rapaz se tornará um especialista em agricultura.

Neste caso, o indivíduo possui uma força que age em benefício dessa atualização, que Stein capta como sendo a força vital. Essa força vital é a matéria ligada à forma substancial, é a forma do ser que o diferencia do animal. É a forma da personalidade do indivíduo, que é algo inovador, único que se expressa por meio do caráter.

A pessoa possui a liberdade de mudar de um modo que seja inferior e o outro elevado. Isto acontece quando a pessoa é capaz de proporcionar um ato de reflexão de si mesma e do seu ato praticado. As potencialidades encontradas na alma, são possibilidades que se forem atualizadas constantemente, vai acontecendo uma qualificação no interior da própria pessoa no modo de ser, de pensar e de agir. Na estrutura humana, o processo de formação se faz necessário tanto interna como externamente.

3.2.2 O caráter

A filósofa judia acredita que a pessoa se forma por todo o curso de sua vida; nunca há acabamento pleno ou realização total. Mediante isso, podemos fazer a seguinte pergunta: como que a construção do caráter vai formar a pessoa? Quando a pessoa se compromete a agir com a formação de si, esta pressupõe o trabalho da dimensão intelectual, que, por meio da reflexão, como visto, contribuirá para que uma outra dimensão aconteça, a espiritual.

Nesse processo, o ser humano, tocado em seu interior por sua reflexão ou pela ação de outro indivíduo, quer vivenciar o despertar de atitudes ou hábitos que servirão de motivação. Independentemente da origem da motivação, o ato formativo for livremente, não sendo imposto nem por uma alteridade nem por coerção interna.

Ter o conhecimento e a pressuposição de que a pessoa é uma integralidade é ponto fundamental para a adequada formação do caráter, para alcançar o que seria considerado o ideal deste aspecto. Sberga (2014), o caráter segundo Stein, é formado pelo ser humano, na medida em que ele tenha consciência da sua essência, e tenha também um ideal para ser atingido. Portanto, a pessoa que quer atingir esse ideal de caráter, precisa buscar em si estímulos de para alcançá-lo. Seu caráter é formado pelas reflexões das experiências e atualização passo a passo, revelando aos poucos quem a pessoa é por meio do seu caráter que vai sendo construído. O ser humano que se encontra em uma estabilidade em seu interior, não possui estímulo para que

ocorra uma mudança, mas quando encontra um desconforto e inquietação em seu interior, busca sair desse estado em que se encontra, fazendo uma reflexão da constante atualização das potências do seu caráter:

[...] Ou seja, aquilo que deve ser formado, por meio de espírito – de atitudes racionais, volitivas, interiores -, é o hábito que, quando acontecer com regularidade, se tornar caráter. Conclui a filósofa: “na medida em que a formação do caráter é tradução daquilo que é potencial e habitual, pode-se dizer com certa razão que a pessoa forma a si mesma ‘formando seu caráter’” (SBERGA, 2014, p. 88).

A formação do caráter da pessoa não se dará em uma etapa única ou curta, mas sim por um extenso caminho a ser traçado em sua vida, e sofrerá influência do meio social pelo contato com a cultura, com a família entre outros.

A pessoa terá a oportunidade de construir o seu caráter individual ao ter contato com alguma comunidade ou algum outro ambiente que seja novo. O que irá contribuir para a construção dos hábitos da pessoa. Ao entrar em contato com algum grupo, ou seja, com outros indivíduos, o ser humano passa a realizar seus hábitos e seu caráter de uma forma diferenciada, pois está tendo um contato com pensamentos e expressões diferentes dos seus.

Quando uma pessoa passa a se identificar com um grupo ou comunidade, estabelece contato com outros indivíduos, que fazem parte do mesmo ambiente e que passam a influenciar a constituição do caráter. Assim se forma o caráter individual da pessoa, mesmo ela se encontrando em meio a uma comunidade, a qual impulsiona e ajudará a modelar essa formação individual direcionada à atualização da formação integral e dos hábitos da pessoa.

3.2.3 Singularidade do núcleo

Edith Stein defende a singularidade do núcleo da pessoa. A pessoa humana possui uma particularidade que ultrapassa as dimensões do corpo, da psique e do espírito. É algo que concerne à pessoa, fazendo com que seja única e distinta. A característica que é encontrada no interior do núcleo, a filósofa nomeia como sendo a “alma da alma”. Utilizemos de um exemplo para melhor ilustração: até mesmo os gêmeos univitelinos possuem diferenças entre si através da singularidade do núcleo, mesmo que haja uma semelhança corpórea.

Se a pessoa precisa sofrer constante atualização de si mesma, esse núcleo identitário também sofreria atualização? Ele sofre modificação apenas parcial, é através das vivências e experiências que o núcleo vai se atualizando aos poucos, para que cada vez mais chegue a sua perfeição.

Edith Stein, recorrendo a Santo Tomás de Aquino para o caminho do entendimento da possibilidade da individuação por meio da memória, insiste que na matéria há uma presença de pluralidade de exemplares, mas cada um com sua singularidade. A matéria (o corpo) possui um movimento que está presente no desenvolvimento do indivíduo e é nesses estágios de movimentos que encontramos a pluralidade. Já a singularidade (a alma), está contida nesses movimentos, embora não avançada em vida, ou seja, não possui vivências. O ser se individualiza através da sua forma.

Portanto, mesmo que a pessoa estabeleça relações intersubjetivas, conserva a sua singularidade, ou seja, sua personalidade, que é encontrada no núcleo. A singularidade da pessoa é, dessa maneira, sua marca imutável. No processo do crescimento de um embrião, já constatamos a existência da pessoa humana em um percurso de desenvolvimento para a vida. E para Edith Stein a alma já está presente nesse desenvolver da vida. “Nossa filósofa comenta ainda a formação de Tomás de Aquino segundo a qual a alma é a forma substancial do corpo” (MAHFOUD, SAVIAN FILHO, 2017, p. 382).

O corpo vivo é o que individualiza a pessoa humana na temporalidade. É determinado por sua forma substancial que é única. Por meio das vivências da alma, que a estrutura corpórea detém o caráter, na qual se encontra a personalidade e a individualidade. A alma é livre para navegar, mas não pode se desligar do corpo para esse ato. A filósofa mostra a pessoa como aquela que, mediante os atos morais, práticos, volitivos entre outros cria situações por sua própria vontade. Com toda a singularidade que a pessoa possui, ela é um ser no mundo. Por entre os atos de percepção, a pessoa toma consciência de si mesma, percebendo a sua diversidade e assim preenchendo cada vez mais a forma de si, de sua realização pessoal.

O ser humano tem a capacidade de se relacionar com um objeto físico; mas, ter relação com outro indivíduo humano é totalmente diferente, porque o outro é capaz de ato livre, de olhar intencional, de gestos conscientes. A Individualidade da pessoa

é posta em ressaltado por contraste com a alteridade de um outro indivíduo. A pessoa contribui para a dimensão social, por ser facilmente disposta a ir ao encontro de outros indivíduos. Quando o ser humano percebe um jardineiro, ele é capaz de ver a sua essência e sua vivência, compreendendo então sua singularidade que aponta que ela não é um jardineiro.

O ser humano não pode discordar que haja singularidade da pessoa por esta se encontrar inserida em uma comunidade. Na concretude da vida, o ser humano se põe a praticar atos orientados a outros indivíduos como: indagação, informação, entre outros. Dessa forma, passa a ter relações sociais como: comercial, política, religiosa, familiar, fazendo com que sua pessoa tenha relações que sejam significativas e que possibilitam a construção de uma família, de uma comunidade e de instituições públicas, como a escola onde ela se encontra inserida.

A pessoa possui a consciência de que a humanidade faz presença assim como ela pertence a uma comunidade. O ser humano possui algo na sua construção que é semelhante a todos os outros seres da comunidade, que é a capacidade de se relacionar. Possui também algo que é diferente dos outros indivíduos da comunidade, a sua individualidade, seu (núcleo) é o que diferencia.

Edith Stein coloca a diferença entre a singularidade de uma coisa física e de uma pessoa como sendo uma diferença qualitativa. O ser da pessoa, na sua individualidade, segundo Stein, não pode ser encontrado na matéria, mas somente na forma. A constituição da singularidade, portanto, advém da forma vazia, que é própria da pessoa e não da espécie, fazendo com que a pessoa seja única e singular.

A filósofa afirma que:

[...] o eu individual é o último reduto de toda a vida consciente. Por eu individual ela não entende uma pessoa de determinada singularidade, mas apenas o eu que ela é, singular e indiviso, sujeito de toda vivência (MAHFOUD, SAVIAN FILHO, 2017, P.387).

Cada pessoa possui sua singularidade própria, pela qual a comunidade aplica-se basicamente em cada ser humano. Fazendo com que o eu perceba a sua singularidade, através das vivências na comunidade com os outros indivíduos. Toda pessoa possui uma singularidade. A comunidade tem o papel de demonstrar ou expor isso ao ser humano no confronto das relações cotidianas.

3. 3 A PESSOA

Conforme Sberga (2014), para Stein, a pessoa é alguém capaz de dizer algo de si mesmo, de seu interior, e esse ato os animais não são capazes de desempenhar. A pessoa é o próprio sujeito do eu. Este possui um corpo e uma alma que têm qualidade específica e que está ligado a um caráter que se coloca em constante movimento por se encontrar em um processo de formação.

Quando o ser humano se depara com outro indivíduo, observa-o e, então este pode corresponder ao olhar que lhe foi dirigido. O outro pode permitir que eu adentre no seu interior, em relacionamento intencional e correspondência consciente, ou pode se fechar a mim, pois é ele quem toma a decisão nesse caso, visto que é quem rege a própria alma. Quando ocorre de dois indivíduos se olharem ao mesmo tempo, permitindo uma ligação, esse ato de encontro pode ocorrer tanto do lado interior quanto do exterior. O ser humano é a própria vida do eu. Stein diferencia o humano de todos os outros seres naturais, sobretudo pelo fato de ele ser pessoa que pode corresponder livremente. A pessoa também é diferenciada por ter a individualidade personalizada do ser (personalidade, caráter) e pela capacidade relacionada da espécie. Garcia, quanto ao entendimento de pessoa, dirá:

O homem é realmente pessoa, mesmo não sendo pessoa em plenitude. Esta é sua dignidade, aquilo que lhe dá um certo mistério, impenetrável. Ele é sagrado por ser pessoa. Tudo o que é humano tem grande valor, partindo desse núcleo original. Não se pode reduzir só a isso, porém é impossível prescindir dele. A pessoa não é uma realidade terminada de uma vez: o homem é e se faz. O homem aspira à plenitude, está aberto a tudo o que é grande, nobre, para transformar-se progressivamente. (GARCIA, 1988, p. 58).

A pessoa traz consigo o ato de desempenhar seus valores, e pode contribuir também para o desempenho dos valores dos outros indivíduos. O eu é o possuidor de seus atos, e isso significa que ele desempenha ações mesmo sem ele desejar, ou seja, atos involuntários. O indivíduo é livre para praticar suas ações, perante as experiências pelas quais tudo se encaminha para ficar mais claro. Se o indivíduo se fechar para suas vivências, sua visão acaba ficando restrita, empobrecida.

A liberdade passa pela escolha, mas também implica a responsabilidade do dever de fazer ou não fazer algo, conforme o contexto, e de como deve ser feito. De acordo com suas vivências a pessoa vai expressando seus valores, revelando o que possui em sua essência. Por meio das experiências realizadas pelo eu, acontece a

manifestação dos sentimentos. Isso revela que a pessoa possui propriedades, nas quais ela conhece o seu próprio eu. Edith Stein exprime que vemos o mundo não como realmente ele é, mas o vemos na medida em que vamos interpretando com as vivências. A pessoa é capaz de praticar reflexão das vivências do mundo, diante disso ela é um ser social. Sua estrutura individual de ser humano é marcada por seu ser social.

4 A FORMAÇÃO HUMANA

Para poder explicar como se constitui o conceito de formação, Edith Stein vai percorrer um longo trajeto. Iremos apresentar neste capítulo a formação em geral, que atua na forma (pessoa) em um processo que ocorre de dentro para fora. Sendo transmitido pelo educador, o conhecimento é um meio que irá colaborar com o a evolução do indivíduo. A empatia é um recurso que o formador (educador) utiliza para chegar até o educando e trabalhar seus valores a fim de que ela se torne aquilo que deve ser. O trabalho da formação, segundo a filósofa, deve acontecer em uma comunidade formadora, pois por meio delas a pessoa irá praticar suas vivências e experiências, moldando-se para o aperfeiçoamento. Iremos utilizar também alguns exemplos para melhor expressar o pensamento da filósofa.

4.1 A FORMAÇÃO EM GERAL

A formação é um processo educativo que é aplicado e desenvolvido no ser humano; esse processo consiste em trabalhar e atualizar as potencialidades humanas, fazendo com que o indivíduo evolua. Para que a formação possa acontecer, conta com a colaboração de formadores (educador), por meio de métodos. A formação, em geral, pode ser encontrada por meio de comunidades como a família, a escola, entre outras, e também pela própria pessoa.

Edith Stein vislumbra o ato formativo a partir do método fenomenológico, que pode ser de grande ajuda para o educador, através do qual ele poderá compreender o educando, tendo como referência as disposições naturais dele no ambiente onde se encontra. Esse fator deve ser pressuposto para dar início ao processo formativo. “Às vezes é suficiente o simples contato com o mundo exterior, as coisas e as pessoas que nos circundam; deste modo agem sobre a formação da alma os influxos ambientais involuntários” (STEIN, 1968 apud GARCIA, 1988, p. 67). Sberga (2014) apresenta que o educador (professor) deve e pode fazer alguns questionamentos para que o processo aconteça: o que deve ser transformado e o que pode ser mantido? O que deve ser colocado como meta?

É preciso conhecer a necessidade e a singularidade da pessoa que vai ser formada. Faz parte observar o ambiente em que ela se encontra e ter um conhecimento do indivíduo a ser formado. Formar não significa anular a personalidade

da pessoa, fazendo com que ela seja inserida em uma espécie de ideal. Nesse processo pedagógico, a pessoa precisa ser respeitada como sujeito no caminho formativo.

O que edifica uma comunidade é o fato de haver diversos modos de viver, formando a pluralidade nela presente. Não seria outro se não o próprio ser humano que vai escolher o que irá acolher em seu corpo e na sua alma, na qual irá discernir o que considera que será bom ou mau. A pessoa pode recusar uma proposta de viver tal ato, por medo, por não sentir interesse e são esses fatores que prejudicam a pessoa a progredir.

A pessoa humana não possui autonomia dela mesma para possuir tudo o que deseja, pois a liberdade que ela tem para isso é parcial. O querer também possui limites perante as tendências naturais apresentadas pela pessoa. Essas tendências naturais encontram-se contidas na alma, atuando de maneira limitada. Vamos usar um exemplo para melhor compreensão: um indivíduo que não possui a predisposição natural, ou seja, um dom que já nasceu com ele, para ser um violinista, mesmo com muito prática e dedicação, não irá conseguir desempenhar bem esse papel, pois não tem em si um talento para ser um músico.

A pessoa humana é o alvo principal da formação, encontra em si algumas forças e ações que são involuntárias, que não é desejado pela consciência da indivíduo. Podemos perceber que os meios que a formação utiliza estão predispostos para a pessoa que se forma. Os processos da formação podem ser impedidos de acontecer quando a causalidade psíquica detém os agentes. Para uma ilustração: Sberga (2014), observando uma criança que sofreu alguma agressão física, essa experiência marca a criança, convertendo isso em uma marca negativa. Esse acontecimento que a criança carrega consigo, muitas vezes ela não consegue resolver sozinha. Para que a autoformação aconteça, a pessoa necessita de materiais formativos que vêm de fora, mas que sejam adequados a sua natureza.

O papel do educador é oferecer o que é mais significativo para a necessidade da pessoa em formação, tendo o incentivo para que a pessoa receba os materiais. Stein defende “que o corpo humano, como outros corpos, se manifesta através de um material sensorial múltiplo e que este, na sua manifestação sensível, mostra características próprias, distintas dos outros corpos materiais” (STEIN, 1932, apud

SBERGA, 2014, p. 109). Esses materiais somam com as disposições naturais, que atuam com as iniciativas livres da pessoa no processo da formação.

Com o apoio desses fatores, a formação pode acontecer na pessoa e assim, ela vai progredindo. Uma mudança é essencial na natureza do ser humano, para que a formação atue de forma mais intensa. Perante esse olhar, os formadores são aqueles que contribuem para a formação do ser humano, ajudando a discernir o que é melhor para cada ser, no entanto ele é um colaborador, que se propõe a conhecer cada pessoa no íntimo, na singularidade dela.

Cada ser formador deve conhecer a si mesmo e as tendências que traz para poder conhecer seu formando com seus dados, e sabendo que mesmo com o esforço, não conhecerá a si mesmo e nem o outro de uma forma completa. Para que haja uma formação inteiramente segura, de si e de outros indivíduos, o comprometimento é uma ferramenta para essa atividade. Os formadores são ferramentas para a educação, são colaboradores para que os processos de autoformação e formação aconteçam gradativamente.

4.2 FORMAÇÃO DE SI

A filósofa mostra que o ato formativo de si mesmo precisa da responsabilidade que a pessoa tem sobre si ao afirmar que esta pode formar a si mesma com o dever. Diferente dos animais, que esperam um retorno de seus estímulos, a pessoa humana pode e deve proporcionar a si aquilo com o qual ela concorda. Sendo um ser livre, a pessoa pode tomar a decisão de fazer ou não alguma coisa, de propor para si um alvo e desempenhá-lo. “O homem é chamado a viver em seu íntimo, tomando nas mãos a direção de si mesmo, e na medida do possível, agindo a partir daí [...]” (STEIN, 1951 apud GARCIA, 1988, p. 62).

Sendo a pessoa um ser consciente de si, torna-se um ser livre e espiritual, possuindo o dever de praticar sua natureza, obtendo o aperfeiçoamento. A pessoa que é livre e espiritual é aquela que adquire certo autodomínio sobre si, mas não tem um controle absoluto de si por conta das suas disposições naturais. Uma pessoa livre e espiritual permite que o aprendizado chegue até ela pela abertura que ela proporciona.

O indivíduo, sabendo que possui uma consciência, exerce uma reflexão do que se vive e do que irá viver. A consciência possibilita à pessoa o ato reflexivo e a fazer uma autoanálise de uma vivência, guiando as suas ações nas direções a seguir, havendo uma abertura consigo mesma e uma interação com o mundo. A pessoa que se coloca em abertura e vigilância procura discernir perante as coisas que lhe são impostas ou que são oferecidas.

Como pessoa livre, possui a decisão perante si, e pode ou não usar, pois isso passa pela via da liberdade. A liberdade é o que possibilita a pessoa humana abraçar a sua vida na autenticidade, é o que a ajuda para uma direção segura. Segundo Stein, “[...] ele mesmo, enquanto pessoa livre está no centro e tem nas mãos os comandos, mas exatamente, pode tê-los nas mãos, porque o usá-los ou não é uma questão de liberdade” (STEIN, 1933 apud SBERGA, 2014, p.209). O ser humano, no processo de formação, precisa ter o conhecimento do que ele deve conter dentro de si e o que ele deve deixar aflorar, para ir ao encontro do que ele almeja.

O compromisso de formar a si mesmo é um pedido à consciência. Esta direciona a pessoa para o comportamento adequado que ela deveria assumir perante uma oportunidade. Assim, faz com que o ser humano tenha ciência do que está fazendo em relação às suas atitudes, observando se essas ações são boas ou más, pois contribuem para o aperfeiçoamento da pessoa e construção do seu futuro. A consciência não indica de modo completo o que o ser da pessoa deve ser. Pode-se observar em um indivíduo, um modo de vida que serve de modelo para as pessoas que estão mais próximas. Stein vai apontar justamente para isso:

Pode-se conhecer uma pessoa e receber dela a impressão de que assim se deveria ser. Disso surge a existência, o propósito e a decisão de tomá-la como modelo e de dar a si a mesma forma. Uma consciência (real ou dedutiva), uma correlativa avaliação, um desejo e um ato de vontade, enfim, um comportamento prático permanente, está ligado a um contexto motivacional. Encontra-se, assim, um critério que desperta a vontade para o processo da autoformação (STEIN, 1932 apud SBERGA, 2014, p. 210).

A característica motivacional presente nas formações possui uma ligação entre a consciência e a autoformação. Para poder despertar a motivação que pode ser encontrada dentro do íntimo da pessoa, em seu núcleo, para estimular sua mudança na direção do seu aperfeiçoamento. O despertar da motivação da pessoa humana se

dá no meio externo em que ela está inserida, por isso a necessidade de uma cautela para com o mundo exterior que provoca essa motivação no ser humano.

Toda formação conduz a uma autoformação. Esses dois caminhos devem ter como ponto final a interioridade, o núcleo da pessoa. Para que o caminho formativo seja eficaz, ele precisa alcançar a alma da pessoa, sendo assim é que o ser humano pode tomar a escolha livre de ir à procura de sua felicidade. Podemos observar que para Edith Stein a formação é uma ação entrelaçada à vida espiritual.

Segundo nos apresenta a filósofa, o que dará à pessoa a autonomia de poder decidir perante os fatores da vida, que ela chama de intelecto e vontade, encontra-se na vida espiritual ou no espírito, possibilitando a reflexão diante das vivências, e analisando o mundo de valores. Através dessas faculdades que formam a inteligência do eu é que se percebem as motivações que vêm do mundo material, e o eu que toma decisão é movido pelo espírito. Esse eu só se destina para algum objeto quando ele passa a conhecer, com a ajuda da vontade, do intelecto e do conhecimento que se ligam entre si, para agir em função do objeto.

Para a filósofa, o ser humano aspira ao bem, ele mais facilmente tende a se inclinar para o caminho do bem. A pessoa passa a fazer escolhas com o auxílio da razão e do seu espírito, o que pode ser melhor para ela e para os outros indivíduos ao seu redor. A natureza espiritual da pessoa necessita de uma ação que acontece entre o educador e o educando, para um ato pedagógico que se importa com o avanço das forças internas da pessoa. O papel do educador é conduzir o educando para que ele realize em si uma autoformação e passe a ter autonomia de si.

4.3 O EDUCADOR

Relata Edith Stein, que o papel que o educador ocupa é de grande responsabilidade e importância na formação do educando. Ele deve se comprometer com o processo formativo, seja das crianças ou dos jovens, na preparação dessa missão. Sberga (2014) apresenta que para Stein, que para o educador desempenhar a formação, ele irá contar com três formas: pela palavra que vai ensinar, pela ação pedagógica e através do exemplo. Essas formas têm como papel adentrar as dimensões no interior da pessoa, para fazer desabrochar as suas potencialidades.

Stein aponta o exemplo como sendo uma forma bastante significativa para a formação, pois é através do exemplo, que é uma coisa prática, que se pode entender mais claramente o conhecimento que se pretende passar. Assim, “as crianças na escola... não precisam apenas daquilo que temos, mas também daquilo que somos” (STEIN, 1926 apud SBERGA, 2014, p. 214). No modo de transmitir o conhecimento por meio da educação, não é somente por meio das palavras que encantam, mas também de exemplos concretos. Sem o reforço dos exemplos talvez as palavras perdessem seu encanto e não seriam compreendidas. Acredita a filósofa que a ação concreta pode refletir e dar mais do que o uso das palavras. Ela considera que a formação por meio do exemplo seja eficiente:

Toda a obra formativa deve ser sustentada pelo amor que se deve manifestar também nas percepções e que não pode ser substituído pelo medo. O meio formativo mais eficaz não é, portanto, a instrução, mas o exemplo vivo. Sem ele todas as palavras são inúteis (STEIN, 1968 apud GARCIA, 1988, p. 97).

A dedicação do educador tem sua importância, mas somente isso não basta, o mesmo precisa ter uma boa formação para possuir um entendimento em alguma uma área específica. O educador tem que possuir uma autoridade com aquilo que ele deseja desempenhar, buscando uma aproximação com o educando. Somente um indivíduo condutor da formação pode desempenhar a função de formador. Seria fundamental o professor (educador) ter uma formação antropológica e filosófica para entender com quem ou qual indivíduo ele terá para conhecer as características e os talentos da pessoa, para obter a melhor maneira de formar pedagogicamente a pessoa. O educador deve saber como o caminho de formação pode acontecer, e ser um impulso para o indivíduo que está no processo.

Faz-se necessário conhecer tanto a pessoa do “educando” como a realidade em que ele se encontra inserido, para perceber e acolher suas qualidades, para achar suas angústias e, juntos, buscarem respostas para os questionamentos diante do mundo. O educador tem a função de orientar o educando no caminho para uma direção segura do conhecimento certo. Para que o educador desempenhe bem seu papel, terá que estabelecer uma ordem para estudar o caso do indivíduo a ser educado, e, assim, poder apresentar conteúdos que servirão para o crescimento pessoal ou profissional do educando.

O método baseado no pensamento de Edith indica que, primeiro, deve-se conhecer o educando, para depois, poder desempenhar com ele o ato de formá-lo. Faz-se essencial conhecer também as qualidades e as capacidades do educador, para afirmar que ele possui atribuições para fazer acontecer a formação. As relações de afetividade e cuidado são um recurso que representa um caminho que possibilita ganhar a confiança da pessoa, tendo assim uma brecha para que o processo formativo possa acontecer. A missão do educador é despertar reflexões, senso crítico, otimismo e ser presença para o educando nos momentos difíceis e de escolhas. “No entanto, para Stein, isso só é possível se o educador, ao desempenhar sua tarefa, souber optar, decidir, renunciar e sacrificar” (STEIN, 1959 apud SBERGA, 2014, p. 218). Isso só poderá acontecer se o educador se comprometer a desempenhar bem o seu papel e souber fazer algumas renúncias e optar por escolhas, quando necessário, com o objetivo de tentar garantir o melhor para o processo formativo do educando.

4.4 A EMPATIA NO EDUCAR

Como já vimos, Edith Stein reforça a importância do educador ter que conhecer seu educando em profundidade, para que o ato formativo aconteça, e o método usado seja eficaz. O conhecimento que a filósofa faz da empatia, como não sendo uma percepção externa, Stein afirma, que:

[...] a empatia não tem o caráter de percepção externa, mas desde sempre tem algo em comum com ela, a saber: que para ela existir o objeto mesmo aqui e agora. Conhecemos a percepção externa como ato que se dá originalmente. Admitindo que a empatia não é a percepção externa, com isso não está dito todavia que lhe falte este caráter do “originário” (STEIN, 2005/1917 apud CRUZ, 2018, p.48).

A empatia foi o primeiro tema, como problema filosófico estudado pela filósofa, sendo um caminho de singularidade para a ação formativa. Através de situações proporcionadas pela empatia a pessoa vai adquirindo experiência com a vivência. Por meio da empatia, o educador possui uma visão de poder enxergar no educando um outro eu, presente nele mesmo. O educador, ao reconhecer isso no educando, passará a observar e valorizar o próprio educando perante o processo formativo. O eu do educando passa a ser o seu sujeito, com suas características perante o percurso educacional.

Reconhecendo o educando como aquele que é o foco, onde o processo formativo vai acontecer, e o objetivo através do método é poder compreender e

orientar o educando. Por meio da experiência da abertura e da reciprocidade, que a pessoa humana tem a possibilidade de aumentar o seu conhecimento da vivência. Segundo Pezzella, o educador precisa estar ciente de que:

Na natureza humana e naquela individual de cada indivíduo há uma norma educativa sobre a qual o educador deve adequar-se. As ciências [...] lhe oferecem importantes instrumentos para o conhecimento da natureza humana, também para aquela do jovem, Todavia, ele pode aproximar-se às peculiaridades individuais somente através de um vivo contato interior; o ato próprio do compreender, que sabe interpretar a linguagem da alma nas diversas formas expressivas (olhar, expressão do rosto e gesto, palavra e escritura, ação prática e criativa), pode penetrar no profundo (PEZZELLA, 2007 apud SBERGA, 2014, p. 220).

Caso o educando se fecha para o processo, dificultando a aproximação com o educador, ele precisa encontrar outra forma para cativar o processo no indivíduo. Contudo, o amor deve estar presente no educador, fazendo com que ele ache uma abertura para adentrar na interioridade do educando. Essa abertura se dá por meio das relações de empatia do educando com o educador, conhecendo assim os valores e as propriedades da pessoa que será formada.

Nessa relação entre o educador e o educando, a iniciativa deve sempre partir do primeiro, de acolher e possibilitar a abertura do educando. Por meio desse contato e dessa abertura, na dinâmica da empatia, o educador se aproxima do educando, podendo se indagar e projetar novos planos de desenvolvimento para este. Por outro lado, a empatia apresenta à pessoa do educando certo confronto, que possibilita ao educador observar as atitudes desse outro indivíduo e compará-las com as suas, provocando, assim, reflexões. Desse modo, esse confronto estimula mudanças pessoais e torna possível o aperfeiçoamento de si mesmo, isto é, tanto do educando quanto do educador que com ele se relaciona no processo formativo. O educador deve reconhecer o outro como pessoa humana e o seu lugar no mundo. Compreendendo os valores que o levou a praticar seus atos, expressando a empatia e vivendo a ação. Como demonstra Stein:

Eu vivo a ação do outro como ação que procede de um valor e este, por sua vez, de um sentir, com isso me é dado simultaneamente um estrato da sua pessoa e um âmbito de valores, que para ele são experimentados em linhas

de princípio – âmbito que motiva de maneira significativa tanto a expectativa de atos volitivos futuros, possíveis quanto de ação futuras possíveis. Uma singular ação é igualmente uma singular expressão corporal – um olhar ou um sorriso – e pode oferecer a possibilidade de gestar uma mirada ao núcleo da pessoa humana (STEIN, 2007 apud BAREA, 2015, p. 100).

Por meio da estrutura da pessoa, pode-se observar as variedades de possibilidades de ação, de sentimentos que são próprios do ser da pessoa, que afloram nas vivências. A empatia se adequa à percepção das vivências dando um conceito para a pessoa. Nesse conceito, Edith Stein deu uma tarefa à fenomenologia, a de se inclinar atentamente para o significado dos fenômenos que se revelam no mundo, e de como a interpretação que um indivíduo faz do seu próprio mundo deriva do modo e do momento em que a pessoa age existencialmente.

4.5 OS VALORES

Edith Stein verifica que os valores de uma pessoa são demonstrados em suas vivências, mostra o que ela realmente é na sua essência. Compreendendo através dos sentidos, os valores são criados por meio dos atos de empatia. Esses valores se expressam por meio das sensações e também dos sentimentos, que procedem da pessoa para expor o próprio eu. Edith afirma: “nos sentimentos vivemos nós mesmos não só como existentes, mas como indivíduos feitos neste ou naquele modo; eles nos manifestam as propriedades pessoais” (STEIN, 1917 apud SBERGA, 2014, p. 225). Dessa maneira, a filósofa aponta a importância de mudar a forma de olhar em relação aos sentimentos, para aprimorar na busca do seu significado.

Esse ato de olhar não é simplesmente uma reflexão livre, como se percebe a vivência, mas sim conhecer intensamente como é o eu da pessoa humana e como é que ele se mostra. Quando a pessoa busca conhecer seus sentimentos, ela exerce uma busca de se conhecer que já é um valor. O exercício que o indivíduo faz da reflexão do seu eu, cria a personalidade. Esse processo do conhecimento corresponde a uma ação. A filósofa indica ainda que a personalidade possui uma harmonia de significados, que se dá na experiência que se vive, possuindo então uma relação recíproca entre a pessoa humana e valores. Stein vai sublinhar que “...é impossível formular uma doutrina da pessoa sem uma doutrina do Valor de onde a pessoa pode ser revelada” (STEIN, 1964 apud GARCIA, 1988, p. 74).

Compreende-se que a individualidade do outro está ligada à natureza da vivência da pessoa. A personalidade de uma pessoa, porém, não pode servir de base para avaliar a experiência dos outros indivíduos. A filósofa caracteriza o valor como uma força motivadora, possibilitando a pessoa a se desenvolver, por meio das experiências que os valores proporcionam. As práticas das ações que passam pela vontade, fazem com que o indivíduo, por meio do conhecimento adquirido, experimente os valores.

Para Stein, existe uma escala de valores, com base na intensidade com que são sentidos através da experiência com que são vivenciados. Tendo assim uma divisão entre os níveis dos valores que pertencem, e os que não pertencem a pessoa. Stein faz uma junção da estrutura da pessoa e dos valores; através dos atos que o indivíduo pratica são revelados os valores que o motiva. A interioridade e o mundo dos valores estão inteiramente ligados, pois quanto mais o ser humano adentra no seu íntimo, mais tem aproximação dos valores mais perfeitos. É pelo ato da pessoa ouvir sua consciência, que a alma nasce na vida, se revelando. Na prática que a pessoa possui o efeito da liberdade, aceitação interior aos valores percebidos, como fundamento para guiá-los.

Esse movimento opera no centro da alma, onde a consciência pode ser alcançada sendo local da livre ação pessoal. É na busca da sua essência que o ser humano percebe que uma obra é boa, quando há em si algo que é apercebido da alma. A pessoa possui um valor mais elevado do que dos objetos. Os valores transcendentais são os que aceitam o valor do ser humano, reconhecendo-o como um ser livre e digno.

4.6 A COMUNIDADE

A vivência comum se dá através da partilha do saber e da vida, na medida em que se encontra em acordo com o espírito dos outros indivíduos. Expressa Stein que todo ser humano deve ser comunidade: “a comunidade é necessária; sem comunidade, sem vida social e, portanto, sem educação dos indivíduos para se tornarem membros da comunidade, não se alcança o fim último do ser humano” (STEIN, 1926 apud SBERGA, 2014, p. 269).

A filósofa aponta para a importância das relações interpessoais, que são essenciais para a construção de cada pessoa. Ela vai mais adiante quando relata

que a pessoa com suas experiências, com a ação da empatia, passa a vivenciar o que é ser comunidade. Duas definições de comunidade serão apresentadas por Edith Stein. A primeira, na percepção mais ampla e a segunda, no sentido mais estrito. Quanto ao sentido amplo as comunidades:

Trata-se de estruturas em cuja constituição as pessoas desempenham um papel, seus atos sociais e suas relações sociais. Pode-se falar de comunidade em sentido amplo aí onde não só existem relações mútuas entre pessoas, senão que além disso essas pessoas comparecem como uma unidade e formando um “nós”. Essas estruturas podem ser passageiras (os participantes em uma ‘reunião social’ são uma ‘comunidade’ somente durante as horas que passam juntos, com aqueles que se encontram em uma viagem uma única vez dura o mesmo), mas também pode seguir existindo além de sua reunião concreta e atual (um grupo estável de amigos, uma classe escolar, uma associação qualquer) (STEIN, 2007/1933 apud CRUZ, 2018, p.57).

Stein também indica o outro conceito, o da comunidade estreita. De acordo com Sberga (2014), essa comunidade estreita pode ser familiar, por exemplo, pela qual possui indivíduos que atingem o outro na profundidade do seu ser. Essa comunidade, de fato, tem como base as relações de curto prazo, ligado a um momento específico. Desse modo, Stein, compreende que a comunidade deve ser entendida do mesmo modo que o ser pessoa humana, porém de forma ampliada. Isso acontece nas diversas comunidades seja nas permanentes ou nas temporárias, mas todas voltadas para o ato das vivências.

A filósofa origina-se da tradição judaica, da qual parece herdar o significado de vivência comunitária apresentado em sua obra. Os judeus têm como ideal uma comunidade orientada pelo *Tikun olam*, que significa a retratação do mundo e a edificação para a eternidade. Pelo qual acreditam que são responsáveis pela sua comunidade em parte, mas uma responsabilidade geral. Postura essa adotada pelos judeus, mas também é um dever de todos os indivíduos que possuem relações em comunidade. Nota-se que:

O indivíduo vive, sente e age como membro da comunidade; e, sendo assim, a comunidade vive, sente e age nele e por meio dele. Mas, quando se torna consciente de suas vivências ou reflete sobre ela, não é a comunidade que está ciente do que ele vive, mas é o indivíduo que se torna consciente do que

a comunidade vive nele (STEIN, 1917 apud MAHFOUD/SAVIAN FILHO, 2017, p. 128).

Edith reforça que é necessário que as pessoas preservem suas características individuais, mesmo que pertençam a uma comunidade. A pessoa vive individualmente pela interioridade do seu próprio núcleo, a partir do qual pode se referir a uma vivência comunitária, passando a ter na comunidade uma igualdade sem deixar a sua individualidade.

A pessoa se diferencia da comunidade basicamente por ela possuir um núcleo individualizante. A comunidade, por sua vez, apoia-se nos diferentes núcleos dos indivíduos; por isso, a importância da formação de cada pessoa de maneira adequada, visando a uma maior qualidade comunitária. A construção da vida em comunidade se dá por meio de diversas pessoas, cada uma com sua vivência. Por outro lado, a vida em comunidade é necessária para a formação da pessoa, pois a direciona para um conhecimento mais amplo de si, dos outros indivíduos e do mundo. O desenvolvimento da empatia se dá na convivência intersubjetiva, que auxilia a pessoa a se formar e, cada vez, numa proporção mais ampla, sendo capaz de desenvolver suas potencialidades humanas. Afirma Stein:

[...] O indivíduo que cresce na comunidade, e os outros, com os quais ele está em comunidade, e sempre mais estreitamente se une em comunidade, são para eles natureza, pessoas, isto é, seres dotados de razão e livres, seres dotados de discernimento e que podem operar com base a tal discernimento: que conhecem também a si mesmos e os outros membros e a comunidade, e podem intervir-lhes formativamente (STEIN, 1926 apud SBERGA, 2014, p. 272).

Toda pessoa humana, para Edith Stein, tem que participar de uma vida social, para que ela passe a ter uma pertença com a comunidade. Com isso, adquire também consciência e responsabilidade social, que brota de cada pessoa particular. A vida em comunidade vai se tornar agradável se for repleta de valores. O ser humano reconhecendo a qualidade dos valores presentes na comunidade, poderá discerni-los. Uma autêntica comunidade não é somente um aglomerado de indivíduos, mas se baseia em um modo de pensar e agir coletivos que animam os diversos membros então apoiados nos valores que concebem. Alguns valores se perpetuam, quando são vividos em profundidade, fazendo com que cada indivíduo seja melhor.

Viver com outras pessoas, em comunidade, significa ver uma atuação e atuar com elas; viver junto com os indivíduos, ver as pessoas nascerem, se desenvolverem, se formarem; ser formado também por eles e vê-los morrerem. O que compõem o mundo das pessoas são formas sociais e a ação espiritual. Tudo isso faz parte da vivência do ser humano, seja individual ou em comunidade. Assim, o educador deve observar e dar importância ao ambiente social que pode colaborar com a formação de cada indivíduo, visto que a prática das vivências da sociedade definem as características do povo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Edith Stein, com sua grande capacidade intelectual e movida por uma busca incessante pela verdade, desenvolveu uma noção própria de pessoa, utilizando o método da fenomenologia de cunho husserliano. Com a elaboração de sua tese, em que aborda o conceito de pessoa humana, pôde refazer todo um caminho de conteúdo percorrido pelos filósofos Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Edmund Husserl, entre outros. Com o seu olhar atento e toda a sua dedicação em observar as vivências e as experiências dos outros, conseguiu apresentar filosoficamente o ser específico da pessoa humana.

Stein faz muitas perguntas para entender de fato o que é o ser humano, dentre elas, aquela fundamental de quem é o ser humano. O objetivo principal dela é conhecer quem é o homem em sua totalidade. Portanto, é preciso ter uma visão livre dos preconceitos, a fim de se poder chegar à pessoa de fato. É neste ponto que entra a fenomenologia. Por meio de experiências, chega-se a conhecer a existência da pessoa, vivenciando experiências, que passam pela própria pessoa e pela vivência com os outros indivíduos.

A influência da presença do filósofo Edmund Husserl colaborou para que ela pudesse construir conceitos semelhantes aos dele, enriquecendo categorias judaico-cristãs e dando a essas uma configuração filosófica contemporânea. O caminho adotado por Stein foi mais bem percorrido, quando pôde integrar o conceito de interioridade ao de transcendência, conseguindo abordar de modo mais preciso e refinado questões fundamentais ligadas ao ser humano. Desse modo, Edith Stein elabora uma antropologia filosófica, em que aborda o ser da pessoa humana em sua integralidade multiestrutural.

Assim, mostrou que a pessoa possui um corpo que é material vivente, e que esta possui também uma psique, com tendências mutáveis, além de ter algo específico da sua natureza, o espírito. A dimensão do espírito junto com a psique forma o que entendemos ser a alma humana, que é o que guia a pessoa no sentido do seu agir e viver. O ser humano é capaz de conhecer a si mesmo por meio da consciência das suas características, as quais formam a sua estrutura, que consiste numa unidade entre o corpo, a psique e o espírito.

A atualização das potencialidades que integram a estrutura humana se dá por meio de um processo formativo, que acontece de dentro para fora, num desabrochar ou desenvolver contínuo de suas potencialidades. A atualização, por meio do processo formativo, ocorre de uma forma gradativa, visando sempre o aperfeiçoamento do ser da pessoa. Por meio da formação, acontece o processo de crescimento que se encontra no interior da pessoa e conta com a ajuda externa de formadores ou educadores para viabilizar esse processo.

Passando por meio de vários aspectos, a formação chega até a dimensão espiritual, pela qual o ser humano possui a capacidade de ir ao encontro do seu núcleo, que é chamado por Stein de alma da alma, que rege o interior do indivíduo. O núcleo da pessoa corresponde ao que ela é em si, ou seja, a sua essência. É com o auxílio do processo formativo que acontece o desenvolvimento das potencialidades da pessoa, ligadas a sua essência, efetuando-se a atualização de seu ser.

O núcleo corresponde à profundidade anímico-espiritual da pessoa e se reflete nas ações e nos hábitos dela, expressando o seu caráter. Outra via do processo formativo é o papel que os formadores desempenham ao contribuírem com o desenvolvimento dos indivíduos. A função da formação é proporcionar ao formando a possibilidade de se desenvolver e se tornar uma pessoa autêntica e livre, capaz de ter responsabilidade e de construir sua personalidade no mundo dos valores.

Através da empatia, o indivíduo pode se examinar e se relacionar com os outros indivíduos, possibilitando uma vida comunitária. A pessoa, ao desempenhar a empatia, segundo a filósofa, aprimora as relações interpessoais constituindo seu próprio ser e auxiliando na constituição do ser do outro. A empatia mostra que as pessoas possuem o mesmo material, ou seja, a mesma estrutura humana, mas a vivenciam de formas particulares.

A formação faz parte da dinâmica interior da pessoa e deve exercer sua atividade em todas as dimensões presentes na estrutura do ser humano. O processo chamado formativo, que ocorre no educando, só será eficaz se atingir na vida da alma que é seu núcleo. Essa dinâmica existencial permite formar e atualizar o que está em potência no indivíduo. Possibilitando, portanto, através do processo formativo que a pessoa humana conheça a si e suas potencialidades. O autoconhecimento é um movimento interno que é responsável pela evolução e realização da pessoa.

REFERÊNCIAS

- BAREA, Rudmar. **O tema da empatia em Edith Stein**. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- CRUZ, Manuele Porto. **Pessoa, comunidade e empatia em Edith Stein**. 2018. 84 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2018.
- FABRETTI, Vittoria. **Edith Stein: uma vida por amor**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- GARCIA, Jacinta Turolo. **Edith Stein e a formação da pessoa humana**. São Paulo: Loyola, 1988.
- MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal. **Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia, educação**. São Paulo: Paulus, 2017.
- SANTANA, Luiz. **Edith Stein: a construção do ser pessoa humana**. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.
- SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior**. São Paulo: Paulus, 2014.
- STEIN, Edith. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. Trad. Enio Paulo Giachini, Gilfranco Lucena dos Santos, Juvenal Savian Filho, Marcia Sá Cavalcante Schubak, Ursula Anne Matthias. São Paulo: Paulus, 2019.
- _____. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny, Renato Kirchner, Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018.